

## **A LITERATURA INFANTO-JUVENIL, OS QUADRINHOS, A ILUSTRAÇÃO E A MÚSICA**

### **META**

Estabelecer relações dialógicas entre existentes entre a literatura infanto-juvenil, as histórias em quadrinhos, a ilustração e a música.

### **OBJETIVOS**

Ao final desta aula, o aluno deverá:

discutir o potencial narrativo das histórias em quadrinhos em relação à narratividade da literatura infanto-juvenil;

explicar a especificidade da Ilustração nas obras infanto-juvenis e sua contribuição para a construção do sentido na relação com o texto literário

explicitar a relação dialógica entre poesia infantil e música.

### **PRÉ-REQUISITOS**

Para um bom aproveitamento desta aula, você precisa dos conhecimentos contidos nas aulas 01, 07 e 08 e possuir noções básicas de gêneros narrativos da literatura infantil, e dos gêneros literários, inclusive.

### INTRODUÇÃO

A decisão de constituir uma especificidade a partir do diálogo entre várias expressões culturais, confere a qualquer dessas expressões uma abertura criativa que lhe favorece na sua dimensão artística e humana. É o caso da Literatura quando se permite dialogar com a fotografia, a pintura, o desenho, os quadrinhos, o teatro, o cinema ou a televisão. Do mesmo modo sai beneficiada dessa relação qualquer outra forma expressiva da cultura ou da arte. Foi escolhido, nessa aula, o exame do relacionamento entre a literatura infanto-juvenil, e as Histórias em quadrinhos, a ilustração e a música, com o interesse de flagrar o modo como se dá o procedimento dialógico entre essas expressões culturais e os benefícios daí advindos.

Dois elementos, pelo menos, são básicos e comuns nessas formas culturais: a potencialidade narrativa e a lúdica, cada uma com seu modo específico de “narrar” e de expressão do ludismo. Além do mais, a ilustração faz parte da estrutura da obra, é um componente fundamental para a constituição e compreensão do sentido do texto. O aproveitamento que os quadrinhos fazem da narrativa literária rende-lhes criatividade, consistência e sucesso garantido de leitores, seduzidos pelo dinamismo da linguagem dos desenhos, também enriquecidos, eles próprios, pelas adaptações que fazem das obras literárias antigas e contemporâneas, uma prática que desde 2006 vem sendo adotada largamente, inclusive como programa das editoras e do próprio governo federal, que vem dotando as escolas públicas de um acervo de livros originais e adaptados.

Quanto ao diálogo com a música, a literatura infantil melhor e mais adequadamente se expressa é na poesia infantil. No poema infantil a musicalidade já se encontra nas próprias palavras e no modo de articulá-las nas frases, ou melhor, nos versos. Além disso, sabe-se que a poesia, no ocidente, nasceu atrelada à música, como diz Aristóteles sobre a lírica (aula 4).

Pelo menos dois elementos marcantes da natureza da literatura infanto-juvenil são também caracterizadores da história em quadrinhos: o lúdico e o narrativo. Ambas as expressões culturais organizam-se a partir desses eixos: ludismo (jogo entre fantasia e realidade) e narrativa (uma estrutura composta de narrador, história narrada, personagens, ações, espaço, tempo, ambiente e foco narrativo, ou ponto de vista do narrador). Mas têm origem em épocas e ambientes/situações diferentes, e interesses estéticos diferenciados. No entanto, a professora Nelly Novaes Coelho denomina esta produção em quadrinhos de “literatura em quadrinhos”, ou “literatura quadrinizada”.

Essa “literatura” tem a sua marca específica, a imagem, e nesse aspecto também se encontra com a literatura infantil que precisa privilegiar a imagem, a ilustração para chegar mais próximo do seu leitor mirim, que inicia seus primeiros contatos com o livro antes mesmo de atingir a fase de aquisição de leitura, isto é antes dos cinco ou seis anos. E nessa fase desenvolve-se o domínio do concreto; interessa à criança a realidade concreta, palpável e pictórica (visual).

Apesar da existência de algum preconceito contra os “quadrinhos” como material de leitura escolar (no passado), a criança leitora e até, a pré-leitora os elegeu e os transformou em objeto de leitura prazerosa e interessante para os seus interesses infantis. O leitor jovem e o adulto já haviam feito esta opção, de modo que ninguém, hoje desconhece essa experiência de leitura; é mais provável que desconheça a maioria das obras literárias em circulação. A professora Lígia Cademartori comenta a atitude da escola, contrária aos quadrinhos e os desdobramentos disso:

Ignorando a produção, distribuição e leitura das histórias em quadrinhos, a escola insere-se no processo por negatividade. Marginalizando essa modalidade cultural destinada à criança, contribui para caracterizá-la como sendo de livre consumo, buscada assídua e espontaneamente pelo seu destinatário que participa ativamente na escolha e aquisição desses impressos. Segregando o gênero, a escola estimula seu papel de importância como resposta a um vazio que os textos consagrados por ela não conseguem preencher satisfatoriamente: o prazer de ler. (CADEMARTORI: 1982, p. 83).

História em quadrinhos é uma história em imagens. É “uma forma narrativa por meio de imagens fixas. (CAGNIN: 1975, p.23). Segundo esse estudioso dos quadrinhos, as “Histórias em quadrinhos poderiam ser vistas das seguintes perspectivas



Quadrinho - (Fonte: [http://www.universohq.com/quadrinhos2009imagensTM\\_TableideRonaldo.jpg](http://www.universohq.com/quadrinhos2009imagensTM_TableideRonaldo.jpg)).

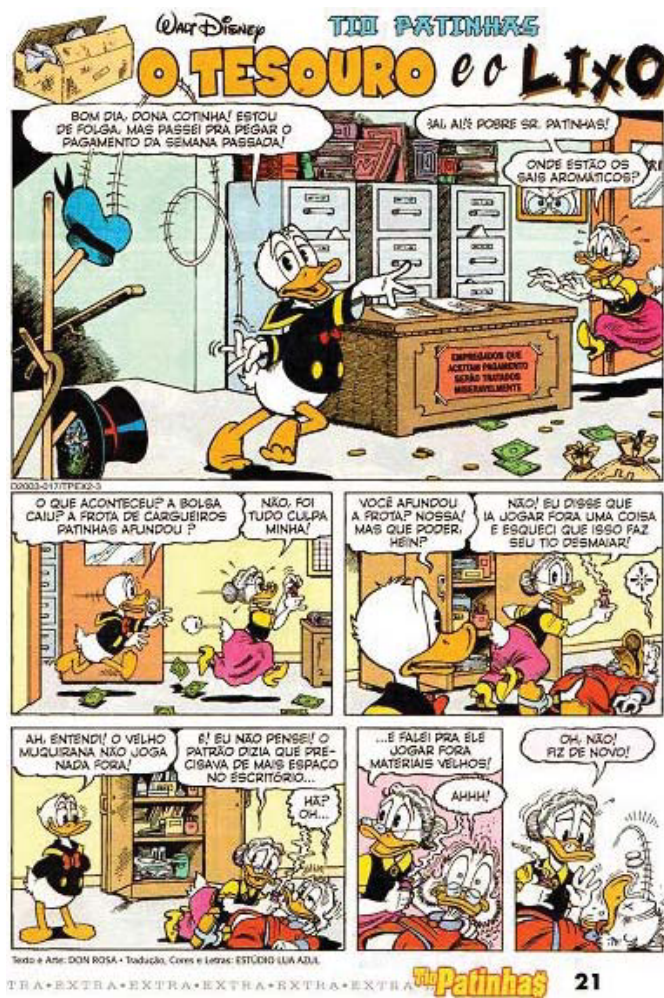
- Literárias – como continuação do folhetim e do cordel;
- Históricas – faz parte da história do homem e suas marcas;
- Psicológicas – higiene mental, distração, economia de energia;
- Didáticas – adequação ao mundo lúdico da criança;
- Estético-psicológicas – produção de emoção intensa passageira;
- De Valores – efemeridade, produção para o consumo das massas;
- Publicitárias – para persuadir ao consumo.

As histórias em quadrinhos (quadrinhos) recebem nomes diferentes nos vários lugares onde se estabeleceram. Nos Estados Unidos chamam-se *comics*, *fummies*, (inicialmente, *comics strips*, depois *comics books*); na França: *bondes-dessinées*, na Itália: *fumetti*, na Espanha: *tebeo*, na América Espanhola: *historieta*, em Portugal: história aos quadrinhos, no Brasil: história em quadrinhos.

É um sistema narrativo formado de dois códigos de signos gráficos:

- A imagem, obtida pelo desenho – o elemento figurativo;
- A linguagem escrita – o texto como elemento linguístico integrado no sistema narrativo. Mas com o predomínio do elemento icônico.

Os quadrinhos são uma manifestação característica da cultura de massas, e foram utilizados pelo jornal para conquistar leitores.



Tio Patinhas -(Fonte: <http://www.portalllos.com.br/wp-content/uploads/200911/tpc0203.jpg>).

## 9

As histórias em quadrinhos apresentam uma natureza híbrida (imagem e texto), e para alguns isso funciona como algo negativo, pois a imagem estimularia a preguiça de ler, e não o gosto, como se deseja. Não podemos aceitar esta opinião porque sabemos que a imagem estimula a percepção dos conceitos através das formas estruturais. Sendo um produto da cultura de massa, os quadrinhos tendem a formular mensagens **estereotipadas** para atingir um grande público, pois seu interesse maior, além de divertir, é induzir, através de sua forma. Diferentemente da literatura que tem na forma sua especificidade literária, sua linguagem. Na verdade o que é importante para os quadrinhos (gibi) é contar uma história, em que personagens, enredo, tempo, espaço, e ponto de vista (foco narrativo) se relacionem articulando uma narrativa, como ocorre com as histórias literárias. Assim, o elemento icônico (imagem) só vem a estimular o ato de leitura.

A professora Lígia Cademartori, em artigo intitulado *Em defesa dos Quadrinhos*, explica como funciona o mecanismo de articulação entre o elemento visual e o verbal, nas histórias – em – quadrinhos:

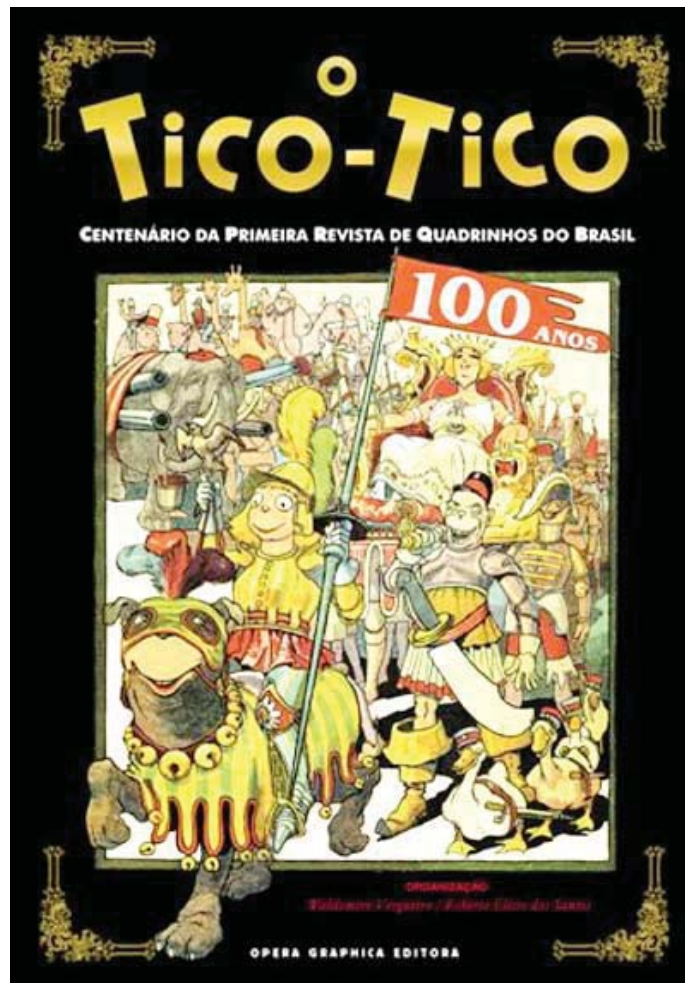
As histórias em quadrinhos apresentam uma relação tal entre os signos, que permitem a imagens visuais comportar frases escritas ou implicar estruturas linguísticas, assim como signos verbais complementam e reforçam imagens visuais. Trata-se de um intercurso entre os códigos em que a língua nomeia unidades que a visão apreende, e esta sugere significações que a língua, por si só, não porta. Portanto, não há, nas histórias em quadrinhos, uma oposição entre o analógico e o código verbal, mas uma interação estabelecida por relações lógicas. Tais relações são precisamente, o que transcende os códigos visual e verbal por atingir a estrutura da narratividade .até narratividade. (CADEMARTORI: 1982, p. 85).

**Estereotipadas**

Fixas, inalteradas, cristalizadas, esquematizadas, que seguem padrões



## HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NO BRASIL



O Tico Tico (Fonte: [http://patrimoniografico.files.wordpress.com/2010/01/1137967\\_42.jpg](http://patrimoniografico.files.wordpress.com/2010/01/1137967_42.jpg)).

Como manifestação da cultura de massa a história – em – quadrinhos surgem nos Estados Unidos, no final do século XIX, por uma necessidade da imprensa. A obra *Yellow Kid*, do desenhista Richard Oulcault, iniciou essa fase nova da imprensa, lançando em 16 de fevereiro de 1896, como um tipo de jornalismo popular.

No Brasil, a primeira manifestação da história em quadrinhos ocorre em 1905, com a revista *Tico-Tico*, de Manuel Bonfim e Renato Castro, trazendo personagens como negrinho Benjamin, Faustina, Pipoca, Zé Macaco.

A indústria dos quadrinhos surge em 1934, com o Suplemento Juvenil, lançado por Adolfo Aizen. Diz-se que o sucesso de venda do jornal *A Nação* foi tão grande, que apenas um mês depois de lançado, o Suplemento já era vendido separado do jornal. Daí em diante as histórias passaram a aparecer em revistas e em seguida ganharam autonomia com publicação própria e veiculando mensagens de divertimento infantil.

O avanço das histórias em quadrinhos despertou uma campanha contra elas, liderada por pessoas importantes, como escritores, professores e intelectuais, que acusavam-nas de malignidade moral, social e cultural... Para neutralizar os efeitos da campanha, a indústria dos quadrinhos partiu para a produção de histórias nacionais, inclusive utilizou a adaptação de obras a literatura brasileira para o código dos quadrinhos. Até mesmo a produção de uma *Série Sagrada* foi lançada, para acalmar autoridades da igreja católica. Tudo isso ocorre nas décadas de 1940 e 1950.

O procedimento de nacionalização dos quadrinhos envolvia artistas brasileiros, redatores e temas brasileiros. Nas décadas de 1950 e 1960 as empresas voltam a importar as histórias de gêneros norte-americanos, com exceção de Bloch Editores que se manteve na linha da produção brasileira, dos temas à mão-de-obra criativa. Além de Bloch, alguns desenhistas resistiram e continuaram produzindo obras de temática e personagens brasileiras. Um deles é Maurício de Sousa que consegue divulgar sua obra em todo o país, inclusive em importantes jornais, até hoje. Outros nomes da área do desenho são Daniel Azulai e Juarez Machado.



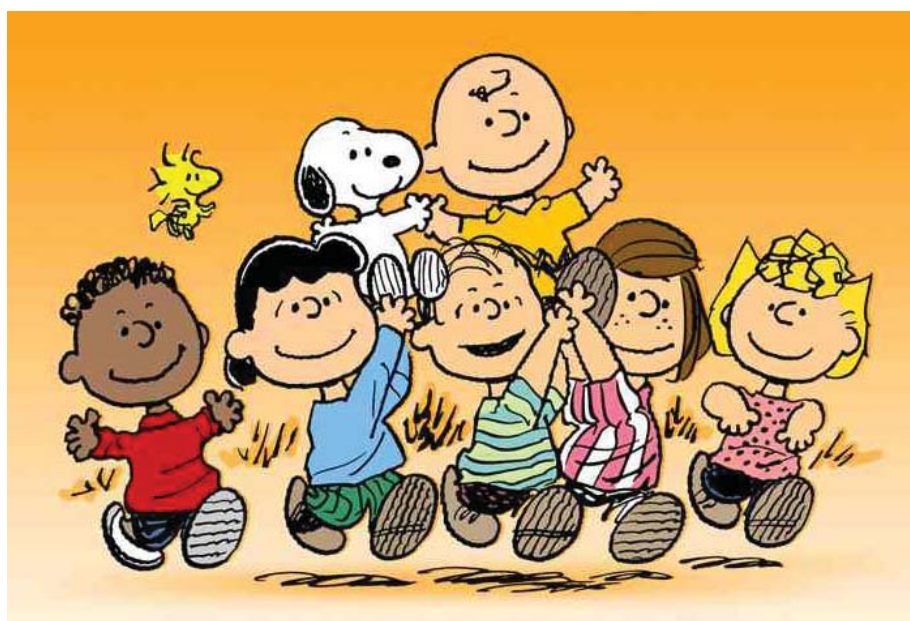
Turma da Mônica.

As revistas infantis e juvenis editadas no Brasil, destinam-se a veicular mensagens de divertimento, através dos quadrinhos e não trazem mensagem jornalística; trazem propaganda comercial, e até pequenas histórias contadas através de signos verbais. As mais divulgadas revistas são: Batman, Brucutu, Fantasma, Capitão Marvel, Agente Secreto, O Guri, Os Jetsons, Brasinha, Combate, Tio Patinhas, Golden Guitar, Comandos em Ação, Ataque e Sobrinhos do Capitão.

As histórias em quadrinhos elaboram temas de natureza moral: “o bem sempre vence o mal”, “o crime não compensa”, e o tema: a vitória do herói contra os malfeitores. “E ainda: vence quem for mais esperto”, ou “não se pode escapar ao azar”. *O Tio Patinhas*: mensagem cultural (matemática e música); *Capitão Marvel* e *Combate* traçam uma imagem positiva dos americanos. As conotações moralistas continuam: “deve-se obedecer aos mais velhos”, “ambição leva à destruição”, etc... A maioria delas desenvolvem-se em ambiente urbano, ambiente selvagem, paisagens bucólicas, ambientes cósmicos; algumas histórias abordam tecnologia avançada, outras um estagio de vivencia em contato com a natureza.

A solução de conflito é marcada pelo uso do irreal e penetram o mundo do fantástico. Como recurso narrativo podem utilizar fórmulas mágicas dissociadas da realidade. Constante presença de animais, inclusive convivendo com os humanos. Os grupos sociais são as comunidades ou as famílias, os marginais e as instituições. Quanto à consciência política, dessas histórias, pode parecer que sejam apolíticos, porque não discutem as questões de forma aberta, tomando posição, mas seus heróis quase sempre identificam-se com o vencedor, que detém as melhores posições políticas, e alguns combatem o nazismo e o comunismo, de modo indireto.

Nem tudo nos quadrinhos é heroísmo. Há histórias que constroem o seu enredo em torno de verdadeiros anti-heróis. Um exemplo conhecido é Charlie Brown, personagem da obra *Peanuts*, de Charles M. Schulz, conhecido no Brasil como Minduin (1950). Suas personagens são crianças problemáticas, mas capazes de exprimir a candura ingênua da infância, e que na sua fragilidade demonstram resistência. Junto ao grupo de crianças há o cachorro Snoopy, que deseja ser qualquer coisa menos o que realmente é, e o menino Pig-Pen, sujo e autodestrutivo.



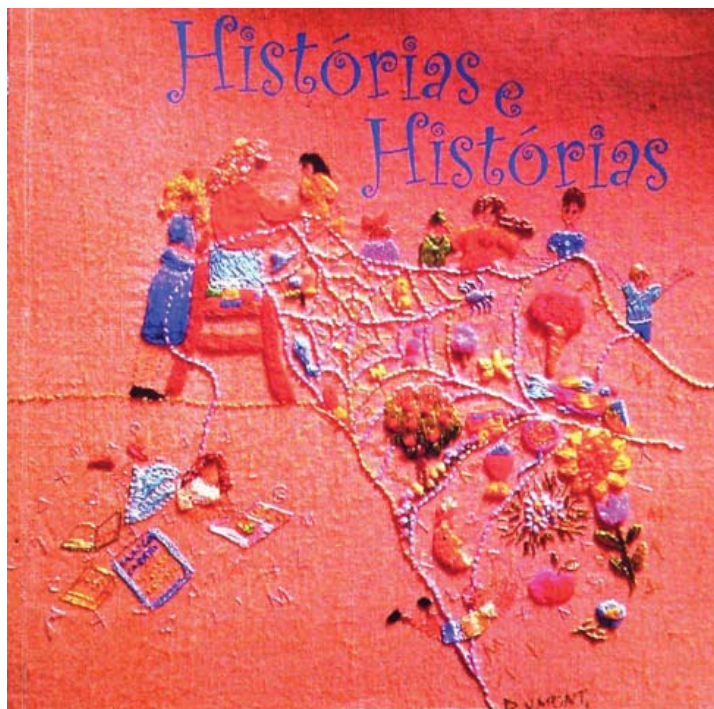
Peanuts.



A obra *Peanuts* não constrói super-herói, e não recorre ao elemento maravilhoso para resgatar conflitos. Mas suas personagens não são seres impotentes; são capazes de conviver com suas deficiências. A condição humana pode ser reconhecida nas “restrições do mundo infantil”.

A consciência dessa realidade elaborada pela obra coloca-a na dimensão de literatura de caráter emancipador, diferente da obra que apenas reflete a realidade, sem uma proposta que leve suas personagens a ultrapassar a linha do já conhecido.

## LITERATURA INFANTIL E ILUSTRAÇÃO



Capa do Livro *História e Hisórias* - Foto Antonio Flavio.

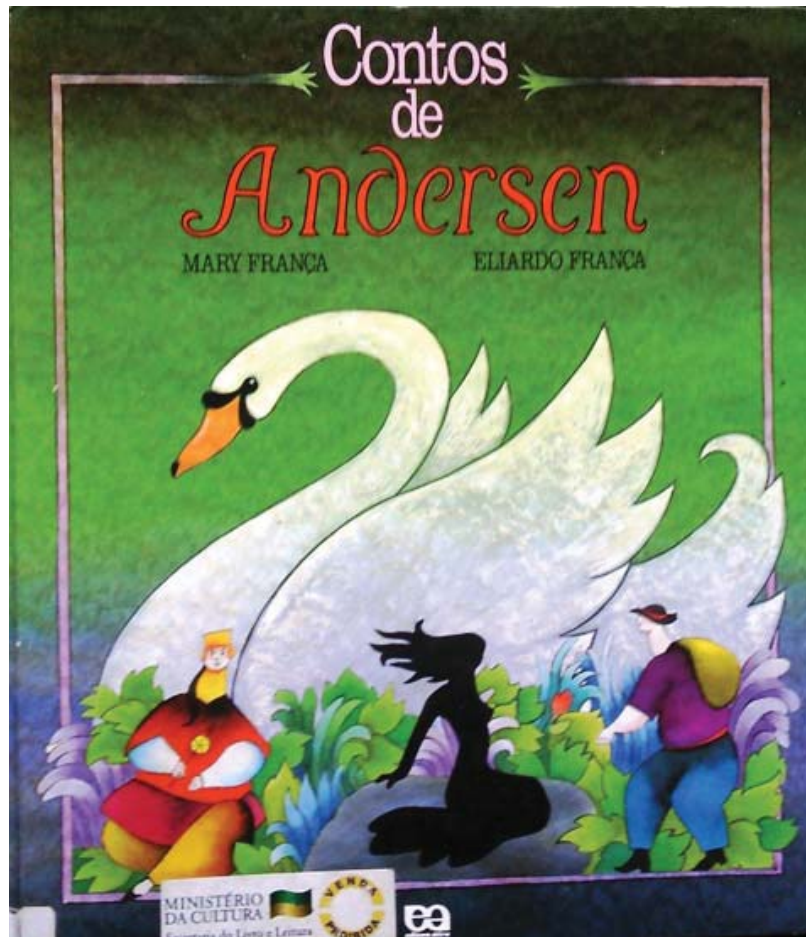
A ilustração cria, através da imagem, uma linguagem narrativa autônoma. Através das ilustrações dos livros infantis a criança alcança a primeira ponte para sua entrada no mundo da arte. “A ilustração associada à literatura infantil é uma forma de arte que respeita as peculiaridades da criança, enriquecendo seu mundo interior e exterior, diferentemente de artes como Arquitetura, Desenho Industrial etc. que se interessam apenas pelo mundo dos adultos. Enquanto componente da estrutura de obras literárias infantis, a ilustração e arte, tem a mesma natureza poética da literatura e tem a função de compartilhar, além da função estética.

A linguagem da ilustração deve ser compreendida a partir de dois elementos de sua composição: elementos narrativos, aqueles que facilmente podem ser transpostos para a linguagem verbal, por que sugerem a pos-

sibilidade de se construir uma narrativa. Por exemplo: “uma menina, de pé em cima do arco – Iris”: quem é aquele menino?, o que ela deseja?, como poderá realizar seu desejo? O que encontrar adiante?, como voltará?, será que ainda volta?; e também elementos plásticos: a forma da ilustração, a maneira de representar, o como foi representado. São elementos plásticos (visuais):

- A linha (a forma da linha exprime um efeito estético ou emotivo)
- A cor (visa a um efeito estético)
- A luz (define volume, relevo, profundidade da imagem, exprime efeito estético).
- A forma (utilizada, geométrica, realista)
- A relação entre as cores, as formas, os jogos de luz
- O enquadramento (close, plano médio, plano geral)

A ilustração não deve explicar a história que ilustra, mas ajudar a construir espaços de imaginação criativa para a criança dar asas à sua fantasia.



Capa do Livro *Contos de Andersen* - Foto Antonio Flavio.

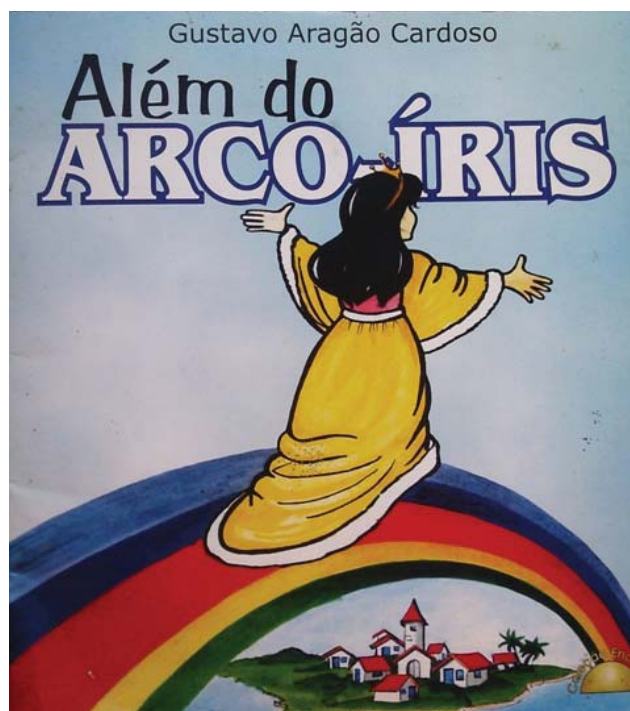
Ao fazer parte da composição da obra literária infantil, a ilustração estabelece um diálogo com o texto verbal, que além de iluminar a obra, tem o poder de seduzir o leitor, por sua linguagem **pictórica**.

Essa sua especificidade torna-a independente, com sentido próprio, capaz de informar e encantar. Ela é um signo enquanto é “algo que está no lugar de alguma coisa para alguém, em alguma relação ou alguma qualidade.” Segundo Pierce, a imagem (ilustração) é classificada como ícone, signo que mantém uma relação de analogia com o que buscam representar, por apresentar alguma semelhança com o objetivo representado. As ilustrações, signos icônicos, são tão significativas e podem ser responsáveis por uma melhor compreensão do texto escrito, por seu caráter analógico.

No processo de leitura da ilustração (imagem) é necessário considerar sua relação com o contexto, numa abordagem social, histórica e cultural. Diferente da palavra, que requer uma leitura da esquerda para a direita, a imagem requer uma leitura em várias direções, depende do ângulo de visão do leitor. Ao exercerem a função de similaridade, unindo-se ao verbal para explicá-lo ou traduzi-lo, elas precisam ser objetivas, descritivas e documentais para auxiliar o leitor a decodificar o texto.

Além da função narrativa que se atribui à imagem, outras funções podem ser desempenhadas pelas ilustrações ou imagens que compõem os textos infantis:

- Função simbólica: a imagem sintetiza um vínculo de aproximação com o elemento representado. Por exemplo, o arco-íris, numa narrativa em que a presença desse elemento é o centro da história – *Além do arco-íris*, de Gustavo Aragão, escritor sergipano.



Capa do Livro *Além do Arco-Íris*.

### Pictórica

Visual, próprio da pintura.

- Função lúdica: ocorre na relação dialógica do jogo entre a imagem e ao texto verbal.

Vamos agora seguir uma leitura analítica da relação entre a ilustração e a narrativa infantil da escritora Lygia Bojunga Nunes, *A Casa da Madrinha*, com ilustração de Regina Yolanda.

Segundo a análise do professor, escritor e ilustrador Luís Camargo, nessa obra as ilustrações não pretendem explicar a obra e não tiram o prazer do texto. As personagens Vera e Alexandre querem andar a cavalo, mas não há cavalo por ali. Então eles gritam um “Ah” carregado de energia criativa, e nasce o cavalo, de um grito. É um cavalo amarelo com um rabo cor de laranja arrastando no chão. As crianças pularam para cima do cavalo e saíram galopando. No galope, o animal pula o rio, vara o pomar. O galope era doido e as crianças gritavam de medo, de susto. Ah o cavalo, escutava os gritos, mas pensava que eram de alegria e então, corria e corria mais.

Segundo o analista, as personagens não foram apresentadas em nenhuma ilustração. O leitor é que imagina cada um deles. Os desenhos de *A Casa da Madrinha* são naturalistas e mostram uma atmosfera afetiva. Deve-se considerar o espaço ocupado pelo texto e o espaço ocupado pelas ilustrações. A análise continua, de modo bem detalhado e minucioso; um incentivo a que se façam leituras críticas de obras ilustradas, considerando as imagens elementos importantes na composição das obras literárias infantis.

### LITERATURA INFANTIL E MÚSICA

A poesia surgiu na Grécia Antiga já associada à música; era cantada e acompanhada por instrumento musical. Aristóteles denomina-a de citarística por ser acompanhada pela cítara. Na sua própria estrutura o poema traz os traços de musicalidade. O ritmo, as similaridades rítmicas, as repetições...

O ritmo, as similaridades rítmicas, as repetições são procedimentos construtores de musicalidade no texto poético. E não é apenas na poesia infantil que isto ocorre; o fenômeno é próprio da poesia em geral. Mas nas cantigas populares, as cantigas de roda, as cantigas de ninar, totalmente de cunho infantil têm sua existência ligada à música e perderia sua identidade sem ela. Considerada esta produção popular como literatura, pode-se dizer que nascem juntas, poesia e música, como se sabe da tradição poética antiga e medieval.

Possivelmente, até mais que a literatura, a música é capaz de provocar e evocar as mais fortes e poderosas emoções. Ela chega a ter um poder curativo com sua capacidade de harmonizar, acalmar e equilibrar fortes emoções. A criança já traz uma predisposição muito grande para a música; ela deve cantar e brincar ao som da música ou dos poemas recitados e cantados. Essa modalidade de literatura quando utilizada como recurso didático produz bem – estar, alegria de aprender, e ajudar a desenvolver o potencial criativo das crianças. A sensibilidade do educador é fundamental para programar suas aulas associadas à musicalização dos conteúdos. As-



sim a criança se sente integrada e desenvolve o respeito pelo outro. Nesse sentido, a Literatura Infantil ligada à música, amplia seu caráter pedagógico e estético, porque estabelece um diálogo em que só existem ganhos, sem nenhum prejuízo para a especificidade de sua natureza ou de sua função.

Trazemos alguns exemplos dos efeitos que a música pode produzir ao associar-se à literatura infantil.

CD de música:

- *Palavra Cantada: canções de ninar*: Sandra Peres e Paulo Tatit, 1994.
- *Casa de Brinquedos*: Toquinho, 1983 – Ariola

### A BAILARINA

Toquinho

Um, dois, três e quatro,  
Dobro a perna e dou um salto,  
Viro e me viro ao revés  
e se eu caio conto até dez.  
Depois, essa lenga-lenga  
Toda recomeça.  
Puxa vida, ora essa!  
Vivo na ponta dos pés.  
Quando sou criança  
Viro orgulho da família:  
Giro em meia ponta  
Sobre minha sapatilha.  
Quando sou brinquedo  
Me dão corda sem parar.  
Se a corda não acaba  
Eu não paro de dançar.  
Sem querer esnoabar  
Sei bem fazer um grand écart.  
E pra um bom salto acontecer  
Me abaixo num demi plié.  
Sinto de repente  
Uma sensação de orgulho  
Se ao contrário de um mergulho  
Pulo no ar num gran jeté.  
Quando estou num palco  
Entre luzes a brilhar,  
Eu me sinto um pássaro  
A voar, voar, voar.  
Toda bailarina pela vida vai levar  
Sua doce sina de dançar, dançar, dançar...

### O CADERNO

Toquinho/ Mutinho  
Sou eu que vou seguir você  
Do primeiro rabisco  
Até o be-a-bá.  
Em todos os desenhos  
Coloridos vou estar  
A casa, a montanha  
Duas nuvens no céu  
E um sol a sorrir no papel...  
Sou eu que vou ser seu colega  
Seus problemas ajudar a resolver  
Te acompanhar nas provas  
Bimestrais, você vai ver  
Serei, de você, confidente fiel  
Se seu pranto molhar meu papel...  
Sou eu que vou ser seu amigo  
Vou lhe dar abrigo  
Se você quiser  
Quando surgirem  
Seus primeiros raios de mulher  
A vida se abrirá  
Num feroz carrossel  
E você vai rasgar meu papel...  
O que está escrito em mim  
Comigo ficará guardado  
Se lhe dá prazer  
A vida segue sempre em frente  
O que se há de fazer...  
Só peço, à você  
Um favor, se puder  
Não me esqueça  
Num canto qualquer...(2x)

- *Cantigas de Roda*: canções folclóricas do Brasil. Sandra Peres e Paulo Tatit.



### ATIVIDADES

1. Leia a obra *O Bordado Encantado*, de Edmir Perroti e relacione as imagens que ilustram o texto verbal, com a temática da obra.

**COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES**

Mostre a pertinência ou não pertinência daquelas imagens em relação ao texto verbal, pois elas estão ali com uma função criativa, também.

2. Escreva um pequeno texto de 20 a 30 linhas, defendendo a inclusão das histórias em quadrinhos no material pedagógico para práticas didáticas em sala de aula.

**COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES**

A leitura em sala de aula não pode ser apenas de textos verbais, ela deve privilegiar outros elementos no processo de leitura: o cinema, o documentário, a pintura, o desenho, a fotografia etc., e os Quadrinhos como já sabemos, são a primeira escolha da criança e do jovem, no encontro com o acervo de obras.

3. Elabore uma historieta em quadrinhos, utilizando a forma mista: desenho mais texto verbal. Siga os passos da narrativa:
  - a. Escolha o tema/assunto;
  - b. Crie as personagens, suas ações e o espaço que ocupam;
  - c. Associe texto verbal a desenho ilustrativo.

**COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES**

Utilize o material da aula sobre as características e a tipologia das histórias - em - quadrinhos. Escreva seu trabalho em homenagem a você e a seu (futuro) aluno. Prepare-se para ajudá-lo a crescer como cidadão, facultando-lhes espaços de melhoramento pessoal e acadêmico.

### CONCLUSÃO

Numa relação dialógica entre expressões culturais e artísticas, só existem ganhos. Ganham as histórias em quadrinhos absorvendo enredos, personagens, temáticas e discurso das narrativas literárias; ganha a ilustração que, ainda não se utilizando da palavra (o verbal) acaba assimilando a própria narratividade das histórias literárias e de sua temática; isso quando se utiliza delas. Além disso, ao ilustrar a obra literária, a Ilustração oferece-lhe visibilidade pictórica, recurso extremamente eficaz no processo de leitura do texto, acesso à obra pela criança que se inicia na leitura, contribuição para o processo de construção de significados na experiência de leitura: leitor X obra na construção de sentido. A música tem sua independência própria, não precisa do elemento verbal para existir, no entanto a música de cunho infantil tem auxiliado na constituição de cantigas antigas, nas cirandas e nas parlendas, de maneira encantadora. Seu poder de sedução vai além do infantil ou juvenil, e atinge o adulto, amante ou mero receptor dela, por ela ser universal.



### RESUMO

A narrativa literária infanto-juvenil costuma manter encontros criativos com a ilustração. Temáticos, ludismo e processos narrativos se unem naturalmente. E há ainda mais cumplicidade entre elas a partir da intenção de ambas de oferecer suas especificidades para constituir obras de alto teor artístico e significativo. A ilustração enriquece tanto a obra infanto-juvenil narrativa quanto a poética. Ao dialogar com a imagem o texto literário chega mais perto do leitor mirim e até mesmo do jovem e do adulto. Mas sua utilidade é mais imediata na obra dirigida à criança na fase de aquisição da linguagem, quando ela ainda não tem o domínio do ato de decodificar a forma escrita da linguagem. As histórias – em – quadrinhos têm vida própria, mas dialogam com a literatura infanto-juvenil ao adotar a narrativa literária como assunto para constituir sua temática. Quando isso ocorre, o leitor ganha mais disposição de ler, porque elas o seduzem pela imagem (o visual é muito atraente) e pelo dinamismo da linguagem icônica na sucessão de quadros. *A Turma da Mônica* de Maurício de Sousa é uma produção brasileira de incessante procura dos leitores mirins por conta desse estilo de narrar. Os quadrinhos precisam ser muito mais utilizados nas escolas não só pela função didática que desempenham, mas por suas funções literárias, históricas, psicológicas; além de persuadir ao consumo, como produto da indústria cultural. Já a poesia infantil precisa da música para conseguir uma maior interação com seu leitor, especialmente a poesia das cantigas, que somente são cantigas se associadas à música; e os conteúdos das séries iniciais na escola, se trabalhados em associação com a música terão a qualidade que se espera do ensino nessas séries.



## PRÓXIMA AULA

Finalizando nossos estudos, nossa última aula tratará de uma oficina de leitura. Nesta aula, você terá a oportunidade de produzir um projeto de leitura com uma proposta pedagógica estimulante, voltada para o hábito de ler e escrever em sala de aula.



## AUTOAVALIAÇÃO

Após a leitura desta aula sou capaz de discutir o potencial narrativo das histórias em quadrinhos em relação à narratividade da literatura infanto-juvenil? Tenho condições de explicar a especificidade da ilustração nas obras infanto-juvenis? Sou capaz explicitar os benefícios que essas duas instâncias culturais podem trazer para a ampliação do meu potencial crítico?



## REFERÊNCIAS

- AGUIAR E SILVA, Victor Manuel. Teoria da literatura. Coimbra: Almedina, 1982.
- CAGNIN, Antonio Luis. Os quadrinhos. São Paulo: Ática, 1975.
- CAMARGO, Luis. Ilustração do livro infantil. Belo Horizonte: Editora Lê, 1995.
- COELHO, Nelly Novaes. PANORAMA HISTÓRICO DA LITERATURA INFANTIL/JUVENIL: Das Origens Indo-Européias ao Brasil Contemporâneo. 4ªed. Revisada. São Paulo: Editora Ática, 1991.
- FARIA, Maria Alice. Parâmetros curriculares e literatura: as personagens de que os alunos realmente gostam. São Paulo: Contexto, 1999.
- MEC/SEF. HISTÓRIAS E HISTÓRIAS: Guia do Usuário do Programa Nacional Biblioteca na Escola – PNBE/99. Brasília: 2001.
- PAULINO, Graça. Diversidades de narrativas. In: No fim do século: a diversidade – o jogo do livro infantil e juvenil. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2000.
- ZILBERMAN, Regina (org.) et alii. A PRODUÇÃO CULTURAL PARA A CRIANÇA. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.
- [HTTP://pt.oboulo.com/a-musicalidade-no-planejamento-didatico](http://pt.oboulo.com/a-musicalidade-no-planejamento-didatico)
- SANTA ROSA, Nereide schilaro. Mini Larousse da Música (Google)
- [WWW.toquinho.com.br/epocas.php?cod\\_menu=128sub=50](http://WWW.toquinho.com.br/epocas.php?cod_menu=128sub=50)